

Práxis pedagógicas de enfrentamento ao racismo no Ensino Médio

Francisco Rômulo Mesquita César ⁱ 

Secretaria de Educação do Ceará-SEDUC, Guaraciaba do Norte, Ceará, Brasil

Maria Cibele Moreira de Araújo ⁱⁱ 

Secretaria de Educação do Ceará-SEDUC, Moraújo, Ceará, Brasil

Raimundo Nonato de Menezes Moreira ⁱⁱⁱ 

Secretaria de Educação do Ceará-SEDUC, Coreaú, Ceará, Brasil

1

Resumo

O presente trabalho traz o relato de experiência que tem como problemática central a discriminação racial em uma escola de ensino médio regular da rede estadual do Ceará e as dificuldades enfrentadas pelos docentes no tratamento da questão em suas práticas pedagógicas. Tendo como elementos norteadores um conjunto de atividades didáticas presentes em um Plano de Ação com a finalidade de enfrentar as diversas formas de manifestação da discriminação racial no espaço escolar, construído a partir do estudo de caso, pesquisa-ação, etnografia e pesquisa bibliográfica. As práticas foram planejadas e desenvolvidas baseando-se na dinâmica comportamental dos estudantes. Dessa forma, esse trabalho visou atuar sobre o espaço educativo propondo procedimentos de ensino-aprendizagem e reconhecimento à cultura afro-brasileira, criando o entendimento de respeito e valorização da diversidade entre os estudantes.

Palavras-chave: Práxis Pedagógica. Cultura. Discriminação racial. Valorização.

Pedagogical praxis of confronting racism in high school

Abstract

The present work brings an experience report that has racial discrimination as a central issue in a regular high school in the state network of Ceará and the difficulties faced by teachers in dealing with the issue in their pedagogical practices. Having as guiding elements a set of didactic activities present in an Action Plan with the purpose of confronting the different forms of manifestation of racial discrimination in the school space, built from the case study, action-research, ethnography and bibliographical research. The practices were planned and developed based on the students' behavioral dynamics. Thus, this work aimed to act on the educational space proposing teaching-learning procedures and recognition of Afro-Brazilian culture, creating an understanding of respect and appreciation of diversity among students.

Keywords: Pedagogical Praxis. Culture. Racial discrimination. Appreciation.

1 Introdução

Durante uma aula promovida por um colega professor, um estudante relatou à turma que tentou suicídio em decorrência de discriminação racial que sofria na escola por parte de alguns colegas. Em outra turma da mesma escola por sua vez uma estudante negra não permitia que a Diretora de Turma (DT) expusesse sua foto de perfil no Registro Fotográfico, prática vinculada ao Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT). Após insistência da DT, a estudante permitiu o uso de sua imagem, mas no dia seguinte seus colegas perceberam que a foto desta estava rabiscada com desenhos pejorativos. A única atitude tomada pela instituição foi então refazer o documento sem a sua imagem demonstrando as dificuldades da instituição em promover justiça e corrigir atitudes deste tipo.

Em minha primeira aula de Química em uma turma de 1ª série do ensino médio, decidi realizar uma dinâmica de apresentação dos estudantes. Cada um deles deveria preencher um cartão com algumas informações pessoais e ao final responder a seguinte pergunta: o que seria necessário para tornar o mundo melhor? Preenchidos os questionários, solicitei que cada um se apresentasse aos demais. Sentada em uma carteira ao fundo da sala, estava uma bela jovem, negra de cabelos crespos. Então ela pediu para ir até a frente da sala e em meio a olhares debochados e risadas parou ao meu lado, ignorou o que estava escrito em seu cartão e com uma voz trêmula começou a falar: “O mundo seria melhor se eu não fosse jugada pela minha cor. Se não existisse o racismo. Todos precisam entender que somos todos iguais.”

O nome da estudante foi o primeiro que memorizei dentre os 45 da turma e era a mesma que tivera a sua foto rabiscada. Esse fato incomodou-me a tal ponto de sentir a necessidade de buscar um aperfeiçoamento profissional para lidar com essa questão racial e planejar meios de enfrentamento da situação. Assim, o plano de ação educacional tem como objetivo geral refletir sobre as diversas formas de racismo e sensibilizar a comunidade escolar sobre os impactos desse tipo de violência. Cabe ressaltar que as ações deverão envolver todos os estudantes, sobretudo: vítimas e agressores. Dessa forma, a intervenção tem a seguinte problemática: Como tornar evidente e debater as diversas formas de racismo na escola de forma a envolver a

todos e, partir desse ponto, criar situações de enfrentamento dessa forma de violência entre os estudantes?

As atividades consistem em: (1) Roda de Conversa: Beleza Negra; (2) Mesa Redonda: Contextos Históricos e Geográficos do Negro na Sociedade Brasileira; (3) Gincana Interdisciplinar: Diversidade Cultural e a Miscigenação entre Povos e Culturas no Processo de Formação da Sociedade Brasileira e (4) Oficinas sobre Personalidades Negras: repressão e censura aos nossos heróis negros.

3

2 Metodologia

O Plano de Ação abrangeu todos os 265 estudantes da EEM Maria Menezes Cristino - Araquém - Coreaú/ Crede 06 - Sobral. Foram envolvidos também os professores, funcionários e a comunidade à qual a escola pertence.

Sobre os aspectos éticos, o plano visou desenvolver atividades que pudessem sensibilizar a comunidade escolar sobre a necessidade de valorização da cultura afro brasileira e as implicações causadas pela discriminação racial dentro do contexto educativo escolar. As atividades foram devidamente divulgadas e aperfeiçoadas pelos demais educadores em reuniões de planejamento e a comunidade escolar foi convidada a participar de algumas dessas ações.

Todos os recursos utilizados para o desenvolvimento das atividades foram disponibilizados pela escola e os professores contribuíram conforme seus tempos de trabalho. Os principais recursos mobilizados foram: aparelhos de televisão, som, DVD, projetores e *notebooks*. Como espaços internos, utilizamos: salas de aula, laboratórios e pátio. E alguns espaços externos pertencentes à comunidade tal qual: o campo de futebol para a realização de atividades esportivas.

A Roda de Conversa sobre o tema Beleza Negra e o Processo de Transição Capilar contou com a colaboração de duas professoras de História, sendo uma delas negra, remanescente de Quilombo Batoque, situado na zona rural do município de Pacujá-CE e membro de movimentos Sociais (CPT – Comissão Pastoral da Terra, Território da Cidadania, Movimento Quilombola e Associação Cultural e Raízes da Terra). O público alvo do evento era estudantes do sexo feminino e foi divulgado em

todas as salas da escola. Como forma de não alterar a rotina pedagógica da instituição, a atividade ocorreu no turno da noite na quadra polo esportiva e contou com a participação de cerca de 30 alunas. O ponto alto do momento foi quando uma das colaboradoras contou a sua história de vida, os preconceitos e discriminação sofridos durante a infância e a adolescência, seu processo de aceitação, transição de seu cabelo para o aspecto natural e o seu engajamento nos movimentos sociais a favor da mulher negra.

Na segunda atividade, os colaboradores foram um professor de Geografia e uma professora de História, que trataram com os estudantes questões associadas aos impactos e efeitos da discriminação racial sobre as qualidades de vida dos negros e como a mídia constrói e comercializa a imagem da mulher negra. Posteriormente houve a abertura da Gincana em celebração ao dia da Consciência Negra.

Para a Gincana, foi criado com a ajuda dos demais professores um edital com atividades relacionadas ao reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira com o cuidado de não reforçarmos preconceitos e estereótipos acerca da temática. A atividade contou com: provas pedagógicas, artísticas e esportivas e os estudantes foram divididos em duas equipes competitivas. Os estudantes da equipe vice campeão obtiveram uma nota parcial em todas disciplinas e a campeã, uma nota, além de um passeio a uma praia da região.

Ao longo dos segundo e primeiro bimestres do ano letivo de 2017, trabalhamos em algumas aulas alguns filmes relacionados à discriminação racial. Em seguida seguimos um roteiro de debates vinculando a trama às questões sociais contemporâneas. As exibições dos filme foram realizadas durante as aulas com o apoio dos professores das disciplinas de maneira interdisciplinar.

A última atividade consistiu em uma oficina de investigação e reconstrução de biografias de personalidades negras da História do Brasil, sobretudo mulheres. A ação teve como sujeitos estudantes das turmas de 2ª série (personalidades históricas) e 3ª séries (personalidades contemporâneas) e foi desenvolvida durante as aulas de História e de Sociologia, respectivamente. Como resultado, foram

produzidos seminários e exposições artísticas como: pinturas, poesias e esquetes sobre as personalidades estudadas.

3 Resultados e Discussão

5

Ducan (2014) compreende o racismo como um ato que atinge uma minoria ou a um grupo específico por conta de sua ascendência e é usado para valorizar alguns grupos sociais e discriminar outros. Segundo Guimarães (2004), esse comportamento discriminatório ainda é muito presente, mas, em contrapartida, cresce a consciência de sua negatividade e necessidade de ser enfrentado. Para o autor quando se ouve o termo racismo no Brasil, a imagem humana produzida pela mente é a do negro. Esse estigma em relação aos negros tem sido reforçado pelos interesses econômicos e sociais que levaram o povo negro à escravidão, convertendo-o em símbolo de sujeição e inferiorização.

A escravidão deixou vergonhosas cicatrizes na estrutura social brasileira, uma vez que é evidente o sentimento de superioridade dos “brancos” e o inverso entre os “negros”. Isso é perceptível em algumas situações em que um negro começa a frequentar certos espaços sociais e exercer funções consideradas “privilegiadas” em que ele é discriminado ou até insultado.

Segundo Santos (2016, p. 21) ser negro é “[...] possuir uma identidade parcialmente biológica, inconscientemente histórica, seguramente sociológica e imprecisamente cultural ou antropológica”. A primeira porque não existe um negro com traços integralmente negroides (pele escura, cabelos encarapinhados, nariz chato, prognata), assim como não existe nenhum caucasoide (branco) com traços integralmente característicos de sua raça. É um fator histórico porque ainda há os simbolismos dessa ciência (versão do colonizador) que expõem uma imagem do negro ainda carregada de estereótipos que imputamos ao escravo: lascívia, sujeira, falsidade, burrice, servilismo. Ser negro do ponto de vista sociológico é atribuir sua figura à pobreza, ao mundo do crime.

De acordo com Santos (2016), o negro do ponto de vista cultural surge como a imagem do não leitor, muito menos escritor, cientista ou político. Basta pensarmos

sobre as imagens distorcidas que criamos quando somos levados a pensar sobre Machado de Assis e o estranhamento de uma pessoa quando se depara um retrato do escritor negro. Na música a imagem do negro sempre está associada aos ritmos do samba, funk, hip-hop; no esporte, à capoeira, futebol; na dramaturgia, ao malandro, traficante e quando é honesto e trabalhador, seus personagens estão relacionados à empregos braçais e suas personalidades passivas e submissas.

6

Com a Constituição Federal (1988) universaliza-se a educação básica, a escola, historicamente, considerada local da “elite branca” brasileira, vê-se obrigada a ampliar suas portas e acolher a todos. As políticas afirmativas surge como incentivo ao acesso e à permanência dos estudantes negros na escola, a destacar a Lei nº 10.639/2003 e a Resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CP 1/2004, que marcam o início da reparação histórica do negro do Brasil, abrindo caminhos para retificar danos físico-materiais e psicológicos resultantes do racismo e qualquer forma conexa discriminatória.

A referida lei implementou as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas a serem respeitadas pelos estabelecimentos educativos das diversas modalidades de ensino. Apesar disso, ainda persiste o pensamento de que a promoção do debate sobre o racismo não é tarefa da educação formal, atribuindo tal prática aos militantes políticos, sociólogos e antropólogos. No entanto, faz-se necessário debulharmos estas questões que fazem parte do complexo processo de formação humana dentro do contexto escolar.

Conforme Gomes (2006), para que a escola consiga avançar nessas questões, é preciso que os profissionais da educação compreendam que o processo educacional perpassa pela formação ética, respeito às diferentes identidades, à diversidade, à sexualidade, à cultura e sobretudo pelas relações raciais. Trabalhar com essas dimensões, para o autor, não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar.

Assim buscar envolver todos os sujeitos que constituem a escolas é para Ristum (2010) fundamental no enfrentamento de qualquer forma de violência. Conforme a autora, apesar dos fatores macrossociais, não se pode negar que a dinâmica da instituição, também seja responsável pela produção da violência escolar. O fenômeno violência presente nos espaços escolares, é de cunho “sociologizante” e “psicologizante”. Ao situarmos o fenômeno da violência como um processo exógeno, isentamos as instituições educacionais da responsabilização de colaboração no combate às violências que as envolvem, condicionando-se a um imobilismo e impotência diante de tais fenômenos. Ela acredita que talvez isso possa explicar porque as soluções pensadas para a superação da violência caminham sempre na direção de políticas de segurança: levantar muros, colocar grades, aumentar os números de vigilantes, colocar policiais na escola e nas imediações. Ademais, devemos pensar a escola para além disso como uma produtora de mudanças sociais.

4 Considerações Finais

Essa intervenção pedagógica junto aos estudantes da EEM Maria Menezes Cristino para enfrentar situações de racismo causou impactos significativos entre eles e, conseqüentemente, sobre o clima escolar. As atividades do plano de ação buscaram envolver todos os discentes, o corpo docente e a gestão escolar, propiciando momentos de aprendizagem.

Sobre os resultados das atividades, gostaria de apresentar duas situações que demonstram a evolução dos estudantes ao longo do processo de desenvolvimento das ações. A estudante mencionada na introdução deste trabalho começou a se orgulhar de seus cabelos crespos, soltá-los, penteá-los e os estudantes da escola passaram a admirar seus penteados e a reconhecer a sua beleza. Em uma das provas da gincana tivemos um desfile e ela teve autoestima e segurança para participar da prova, todos que assistiam a veneravam, aplaudiam, assoviavam e clamavam o nome dela durante sua passagem pelo centro da quadra. O estudante que relatou durante uma aula que se automutilava e já pensara em

cometer suicídio participou de quase todas as atividades e foi um dos protagonistas de sua equipe durante a gincana.

Entretanto, precisamos considerar que ainda há muito a se fazer na sociedade com relação ao racismo, mas enquanto professores e escola, pudemos sensibilizar muitos estudantes, colegas e funcionários, elevando a auto estima daqueles que sofriam e despertando em outros a intolerância com este tipo de violência.

8

Referências

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei n. 10639, de 9 jan. 2003**. Altera a lei n. 9394, 20 dez. 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

MOURA, Glória. O Direito à diferença. MUNANGA, Kabengele (org.). In: **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Acácio Sidinei Almeida. Os estados e as culturas da África: África Austral, os países do Zambeze, África do Sul. Golfo da Guiné, Alta Guiné, Guiné Inferior, Delta do Níger, Haussas, Daomé. JORGE, Nedilson (org.). In: **História da África e Relações com o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2018.

RISTUM, Marilena. Violência na escola, contra a escola e da escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves e AVANCI, Joviana Quites (org.). **Impactos da Violência na Escola**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora Fiocruz, 2010.

ⁱ **Francisco Rômulo Mesquita César**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2370-4337>

Secretaria de Educação Básica do Ceará (SEDUC)

Secretaria de Educação Básica do Ceará (SEDUC). Professor de Matemática da Rede Estadual de Ensino do Ceará. Mestre em Políticas Públicas Educacionais (UFJF). Graduado em Matemática (UVA).

Contribuição de autoria: leitura e escrita

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7288894213436146>

E-mail: romulostylecasual@hotmail.com

ⁱⁱ **Maria Cibelle Moreira de Araújo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2857-6477>

Secretaria de Educação Básica do Ceará (SEDUC)

Secretaria de Educação Básica do Ceará (SEDUC); Professora de sociologia da Rede Estadual de Ensino do Cear.; Mestre em Planejamento e Políticas Públicas (UECE). Especialista em Gestão de Organizações sociais (UVA). Graduada em Ciências Sociais (UVA).

Contribuição da autora: pesquisa, leitura e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8187339659270170>

E-mail: cibellesocial@hotmail.com

iii **Raimundo Nonato de Menezes Moreira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0700-2856>

Secretaria de Educação Básica do Ceará (SEDUC)

Professor de Física da Rede Estadual de Ensino do Ceará. Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública (UFJF). Especialista em Gestão Escolar (UECE). Graduado em Licenciatura em Física (UVA).

Contribuição da autor: pesquisa, leitura e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5050339483520706>

E-mail: menezescaed2018@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

CÉSAR, Francisco Rômulo Mesquita; ARAÚJO, Maria Cibele Moreira de; MOREIRA, Raimundo Nonato de Menezes. Práxis pedagógicas de enfrentamento ao racismo no ensino médio. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021.